

Em busca da delimitação de saberes: história e literatura

In search of the delimitation of knowledge: history and literature

ROIZ, Diogo da Silva. *Linguagem, cultura e conhecimento histórico: ideias, movimentos, obras e autores*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, 236 p.

Karina Anhezini

kanhezini@gmail.com

Professora adjunta

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Rua Fernão Dias, 8/72

05427-000 - São Paulo - SP

Brasil

Palavras-chave

Giro linguístico; História; Literatura.

Keywords

Linguistic turn; History; Literature.

187

Enviado em: 2/6/2013

Aprovado em: 16/9/2013

A relação entre História e Literatura é o tema central do livro *Linguagem, cultura e conhecimento histórico*, publicado por Diogo da Silva Roiz em 2012. Com o intuito de esquadrihar muitos dos questionamentos que marcam as delimitações contemporâneas desses saberes, o texto de Roiz nos convida a visitar e revisitar autores que se dedicaram a refletir a respeito da narrativa histórica, seus entrecruzamentos e limites.

De saída, a obra não expressa a pretensão de oferecer um estudo definitivo a respeito de tema tão amplamente debatido, mas, simplesmente, busca fornecer um sumário das principais discussões acerca do debate que se desenrolou, a partir das décadas de 1960 e 1970, no *métier* dos historiadores. O livro é composto por uma reunião de textos produzidos, entre 2007 e 2011, por Diogo Roiz, docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que resultam dos trabalhos desenvolvidos no curso de doutorado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde o autor defendeu recentemente a tese *A dialética entre o "intelectual-letrado" e o "letrado-intelectual": projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)* (ROIZ 2013).

Versões anteriores dos capítulos de *Linguagem, cultura e conhecimento histórico* foram publicadas em diversos periódicos, mas reuni-los em livro possibilitou um novo encadeamento construído pela introdução e, em certa medida, pelo apêndice dedicado à questão biográfica. Além disso, a obra representa a oportunidade de uma visão de conjunto das reflexões que fundamentam as pesquisas do autor dedicadas, notadamente, ao estudo da disciplina histórica.

188

A profícua trajetória de Diogo Roiz pode ser acompanhada em outras duas publicações do ano de 2012: *Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino* e *As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil*. A primeira é o resultado de acurada pesquisa a respeito do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1934 e 1968, defendida como dissertação de mestrado em 2004 na UNESP-Franca; a segunda, tendo como coautor Jonas Rafael dos Santos, apresenta em paralelo a fabricação de uma imagem dos *Annales* contruída na França na década de 1970 e a imagem que se criou no Brasil de uma historiografia nacional inaugurada com a "missão francesa" a partir da década de 1930 na Universidade de São Paulo.

As publicações do autor indicam tratar-se de um pesquisador preocupado com as delimitações do próprio ofício. Na obra em apreço, a intenção de oferecer aos leitores um mapeamento de autores e o caminho dos embates, por vezes difíceis de se compreender, especialmente nos anos iniciais de formação, mostra uma generosidade e um cuidado em desatar alguns nós e apresentar uma vasta bibliografia que, cabe repetir, cria um sumário das questões que enredam o tema da relação entre história e literatura.

A obra está estruturada em seis capítulos divididos em duas partes. A primeira delas aborda o diálogo entre a *história* e a *literatura* e se volta para a apresentação das respostas dos historiadores aos desafios propostos pelo estruturalismo, pós-estruturalismo e virada linguística. Já na segunda parte do livro, "Literatura e História", o leitor é surpreendido com três estudos que

partem da investigação empírica de fontes literárias e utilizam as conclusões dos capítulos anteriores como balizas interpretativas.

O conjunto de textos enfileirados na primeira parte da obra foi construído a partir de questões que permitiram a Roiz selecionar autores e, com eles, direcionar o caminho do debate. Devido a esse cuidado em resenhar uma vasta bibliografia, o leitor perceberá na breve exposição realizada aqui que o livro pode significar uma entrada para os interessados em tomar contato com as discussões e argumentos em torno da virada linguística.

“Como Quentin Skinner respondeu ao desafio do ‘*linguistic turn*’ ao contextualismo linguístico inglês?” (ROIZ 2012 p. 13) é a indagação que perpassa “Linguagem e cultura: o desafio do ‘*linguistic turn*’ ao contextualismo linguístico inglês”, título do primeiro capítulo. Nele, o autor recompõe o debate a partir dos argumentos de François Furet acerca das transformações na historiografia que marcam o percurso da “história-narrativa à história-problema”, com Lawrence Stone apresenta a questão do “retorno da narrativa”, expõe a recepção crítica desta questão em Eric Hobsbawm e as avaliações posteriores de Peter Burke. Ao acompanhar esse caminho e vinculá-lo às questões centrais da “virada linguística”, o autor se debruça sobre a obra de Quentin Skinner, especialmente, a partir de *Hobbes e a liberdade republicana* (2010). O intuito é mostrar como Skinner transformou o desafio lançado pela virada linguística, sobretudo, as complexas relações texto e contexto, em ferramenta de análise de autores e obras dedicada a investigar o contexto linguístico de produção, dando ênfase aos jogos de linguagem, às motivações e intenções dos autores.

Depois de tratar do questionamento que cerca as abordagens contextualistas e textualistas na pesquisa histórica, “O ofício dos historiadores: entre a ‘ciência histórica’ e a ‘arte narrativa’”, segundo capítulo do livro, é norteado pela indagação: “de que maneira os historiadores se posicionaram, quando, a partir dos anos 1960, se tornou mais corriqueira a evidência de uma relação ambígua no campo dos estudos históricos, ao ser situado entre a “ciência histórica” e a “arte narrativa”?” (ROIZ 2012, p. 13). Ocupam a cena principal desse texto uma breve recomposição da tradição de pensamento que remonta a Friedrich Nietzsche, chegando em Michel Foucault (ROIZ 2012, p. 52-56), permeada pela “avaliação de Roland Barthes e Hayden White”, a compreensão de Peter Gay como uma reconciliação entre ciência e arte e o diagnóstico de Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen. Após a apresentação resumida, mas cuidadosa, dos principais argumentos desses autores, Roiz abre a conclusão com uma citação em que Eric Hobsbawm enfatiza a distinção entre “fato comprovável e ficção” no prefácio de *Sobre história*. O objetivo de Roiz é sintetizar o “posicionamento adotado pela grande maioria dos historiadores nos séculos XIX e XX” (ROIZ 2012, p. 75). Esse destaque é importante porque os capítulos de *Linguagem, cultura e conhecimento histórico* são compostos de citações, ora recuadas e mais longas, ora incorporadas ao texto e o autor apresenta a sua posição no debate a partir dessas escolhas. Portanto, compreender a chave de leitura proposta pelo livro requer do leitor uma atenção especial a esses encadeamentos de autores.

Os posicionamentos do autor tornam-se mais claros no terceiro e último capítulo da primeira parte da obra. Em "A reconstituição do passado e o texto literário", Roiz escolhe apresentar "como os historiadores Carlo Ginzburg, Jörn Rüsen e Josep Fontana responderam às teses céticas ou 'pós-modernas' sobre a elaboração do texto histórico" (ROIZ 2012, p. 78). Em busca de uma síntese possível entre discurso histórico e texto literário, Roiz assinala o rigor metodológico de Ginzburg na elaboração das provas que fundamentam o saber historiográfico e confere destaque ao conhecido ensaio *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. Rüsen é o autor escolhido para apresentar o papel da teoria da história na definição de um estatuto de cientificidade e racionalidade do discurso histórico, enquanto Fontana, bastante elogiado por Roiz por sua coragem e determinação, dá o tom do compromisso social do historiador ao fazer história.

Tais seleções, enredadas ao longo dos três capítulos da primeira parte da obra, delimitam e marcam as interpretações da segunda parte do livro dedicada a utilizar a *Literatura* para fazer *História*. Como destaca Estevão Martins no texto de apresentação da obra, o que temos nessa segunda parte são "alguns exemplos da solução estratégica que [o autor] expôs na primeira" (2012, p. 8). Essa característica confere unidade ao livro e possibilita aos leitores o confronto entre o debate acerca do fazer história e as opções da prática historiográfica do autor.

Para a percepção dessas escolhas destaque, especialmente, o capítulo em que o autor demonstra "a distância entre a 'realidade' (extratextual) do sistema escravista moderno e a forma como foi 'representado' pelas peças teatrais" (ROIZ 2012, p. 112) que abordaram o tema da escravidão nos séculos XVIII e XIX. Nele, o autor trata, mesmo que resumidamente, tanto das representações criadas pela história da historiografia do escravismo africano quanto da análise da produção teatral.

Não menos interessantes são os capítulos "As metamorfoses de uma obra: leitores e leituras dos textos de Franz Kafka (1883-1924)" e "Literatura e leituras do milenarismo em Georges Duby (1919-1996)", exercícios, segundo o autor, capazes de demonstrar "como 'fontes literárias', desde que inquiridas adequadamente, poderiam contribuir para os historiadores formularem hipóteses mais precisas, elaborarem métodos mais operacionais e alçarem resultados de pesquisa mais instigantes" (ROIZ 2012, p. 184).

Assim como os demais capítulos, o epílogo também é norteado por uma questão: A história na Literatura, a literatura na História? A indagação de Diogo Roiz enuncia a necessidade e, ao mesmo tempo, a dúvida sobre a possibilidade de se chegar à síntese entre os saberes, ou melhor, dentre os debates que cercam os estudos históricos e literários, entre ciência e arte. A síntese sonhada por muitos, desde outros tempos, de fato, não será encontrada em *Linguagem, cultura e conhecimento histórico*. Contudo, a leitura do livro e da vasta bibliografia arrolada pelo autor possibilita um caminho, talvez bastante instigante ao leitor, pois pode retirá-lo dessas contraposições entre margens que parecem opostas e levá-lo ao fluxo do rio desse fazer humano e criativo que compõe a "história como arte de inventar o passado".¹

¹ Importante obra que trata da relação História e Literatura: ALBUQUERQUE JR 2007, p. 19-39.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Introdução. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007, p. 19-39.
- MARTINS, Estevão Martins. História: independência ou morte. In: ROIZ, Diogo da Silva. **Linguagem, cultura e conhecimento histórico: ideias, movimentos, obras e autores**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, p. 8-9.
- ROIZ, Diogo da Silva. **A dialética entre o "intelectual-letrado" e o "letrado-intelectual"**: projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959). 2013. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2013.
- _____. **Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino**. Curitiba: Appris, 2012.
- _____; SANTOS, Jonas Rafael dos. **As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos *Annales* no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.